



**Discurso do Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, por ocasião do encerramento da 3ª Reunião de Presidentes da América do Sul Cuzco-Peru, 08 de dezembro de 2004**

Senhores ministros das Relações Exteriores,  
Senhoras e senhores membros das delegações presentes à III Reunião de Presidentes da América do Sul,

Meu caro Enrique Iglesias, do BID,

Meu caro Henrique Garcia, da CAF,

Meu caro amigo presidente Duhalde, nosso Chefe do Mercosul,

Meus amigos,

Minhas amigas,

Meus companheiros e companheiras,

Vivemos, ontem e hoje, nesta histórica cidade de Cuzco, uma dessas raras ocasiões em que se percebe a história em construção.

Estamos lançando a pedra fundamental de nossa Comunidade Sul-Americana de Nações, animados pela convicção de que possuímos um destino comum. Aqui ecoaram fortemente os chamamentos de Simon Bolívar e de tantos próceres por soberania, justiça e dignidade.

Há 180 anos, ao se convocar o Congresso do Panamá, nossos povos já anunciavam sua aspiração de forjar um Novo Mundo no novo continente. Na mesma época, nas batalhas de Junín e Ayacúcho, não longe daqui, homens e mulheres não hesitaram em dar a vida pela causa da liberdade.

É preciso reconhecer que aquela aspiração trouxe a independência, mas não garantiu a verdadeira emancipação de nossas nações. Criou repúblicas, mas não o civismo republicano de que se alimenta a democracia.

Trouxe autonomia, mas não assegurou a capacidade soberana de



realizar o ideal de unidade que inspirou a geração dos libertadores.

É esse o desafio que nos trouxe a Cuzco: tomar definitivamente em nossas mãos as rédeas do nosso destino comum.

Senhores presidentes,

Estamos, hoje, cancelando as dívidas de um passado marcado pelo signo da desconfiança e do desconhecimento mútuos.

Estivemos de costas uns para os outros, negando nossa própria geografia, iludidos pela tentação de importar modelos prontos, que perpetuam privilégios e ignoram os legítimos anseios de nossos povos.

Estamos reaprendendo as lições visionárias do saudoso Celso Furtado: “para superar a dependência, devemos buscar respostas próprias para o desafio do desenvolvimento”.

Estabelecemos uma relação de confiança entre os líderes do continente, baseada em muito diálogo e trabalho.

Não vamos repetir os erros e as rivalidades do passado. Não seremos mais reféns da retórica do autoritarismo e do nacionalismo exacerbados.

Assistimos, nos últimos anos, à árdua reconquista do regime de liberdade e à consolidação das instituições políticas na América Latina.

Aprendemos que é a democracia que legitima as profundas transformações exigidas por nossas sociedades.

É no debate franco e na participação solidária que encontraremos o caminho do crescimento que distribui renda e respeita o meio ambiente; da modernização econômica que promove justiça social; da responsabilidade ética que fortalece a liberdade.

A Comunidade Sul-Americana das Nações nasce, portanto, sob o signo da democracia, do respeito aos direitos humanos, da busca da solidariedade e da justiça social. Expressa a história, a cultura e as tradições que compartilhamos.

São esses mesmos valores que nos fazem também latino-americanos.



Não desconhecemos o grande patrimônio que a América Latina acumulou, nas últimas décadas, em matéria de integração e cooperação para o desenvolvimento.

Nossa comunidade não é uma iniciativa excludente: nasce aberta para o diálogo com os parceiros regionais e de olhos postos no mundo.

Em um contexto internacional marcado pelo acirramento dos conflitos e dos fundamentalismos de toda ordem, nossa região dá um exemplo de convivência democrática.

É isso que nos dá força. Foi com essa convicção que estabelecemos, em nossa última Cúpula, em Guayaquil, a Zona Sul-Americana de Paz.

Senhores presidentes,

Se, no passado, a geografia nos dividiu, hoje ela nos une.

Vamos fazer da América do Sul um espaço de integração, tornar nossas fronteiras marcos de união, aproximar nossos povos. Queremos encurtar distâncias e ampliar as oportunidades de cooperação e prosperidade.

Estou convencido de que as enormes divisões – não só físicas, mas também econômicas e sociais – que nos separam só serão superadas quando integrarmos em definitivo as zonas esquecidas do continente às nossas economias e sociedades.

Assim, forjaremos a verdadeira pátria sul-americana.

Os alicerces dessa integração já estão lançados. E, aqui, quero render uma homenagem ao presidente Toledo, pelo entusiasmo com que abraçou o desafio da integração da infra-estrutura física da nossa região.

A IIRSA desencadeou um processo de construção de uma infra-estrutura física que unirá plenamente nossos países e povos.

Os projetos já em curso nos setores de transportes, energia e comunicações significarão um salto de qualidade nas relações entre nós próprios e também de nossa região com o mundo.

Já temos o roteiro que vamos seguir: acabamos de aprovar os projetos



prioritários da agenda de implementação da IIRSA.

Confiamos no apoio dos organismos financeiros internacionais para essa empreitada e na disposição do FMI em excluir dos cálculos do superávit primário os investimentos em infra-estrutura.

Os recursos liberados fortalecerão a capacidade do BNDES e da CAF de financiar obras estratégicas, que darão um choque de produtividade e de competitividade à economia regional.

A decisão do Brasil e do Peru de construir em parceria uma rodovia ligando o estado do Acre, no Brasil, aos portos do sul do Peru expressa nossa convicção de que a integração física é um fator crucial de impulso aos fluxos de comércio.

Apostamos também, com muito empenho, no revigoramento do Mercosul e da Comunidade Andina. E celebramos recentemente o acordo de livre-comércio entre os dois blocos, que convergem a passos rápidos para formar a espinha dorsal da nossa comunidade sul-americana.

O Chile está intimamente associado a esses esforços de integração comercial. Esperamos que a Guiana e o Suriname juntem-se proximamente a nós.

No estímulo ao comércio inter-regional, temos uma poderosa ferramenta no Convênio de Créditos Recíprocos, o tão conhecido CCR.

No momento atual, de grande volatilidade cambial e financeira, esse mecanismo reduz os custos para nossas empresas alcançarem os mercados de toda a América do Sul. Espero que possamos estender seus benefícios a toda a região.

Senhores presidentes,

Estou convencido de que a integração da América do Sul é o grande legado que deixaremos para as futuras gerações de nosso continente. Integrados, nos comunicaremos melhor, superaremos nossos preconceitos, teremos empresas mais competitivas.



E só assim nossos povos usufruirão, de maneira soberana, das imensas riquezas naturais que são sua herança secular.

Estamos aliando as forças democráticas deste continente à luta global por uma nova geografia política e econômica internacional.

Os países do Sul têm consciência da justiça de sua causa e da força de sua união.

A prostração e sofrimento extremos do Haiti não são obras do acaso, e sim da conjunção perversa de interesses espúrios e do desinteresse coletivo.

Pela primeira vez, os países latino-americanos tomaram a dianteira de estender uma mão aberta ao povo haitiano.

No Haiti, não estamos levando a estabilização na ponta das baionetas. Estamos colaborando para promover a reconciliação e a reconstrução de um país onde tudo está por fazer.

Oferecemos, sobretudo, um novo paradigma de cooperação para forjar um mundo mais seguro.

Para isso, as Nações Unidas e seu Conselho de Segurança devem tornar-se mais representativos e eficazes.

Os países em desenvolvimento já se fazem ouvir nas negociações comerciais multilaterais.

A consolidação do G-20 demonstra que podemos conquistar um espaço de esperança na era da globalização. Um espaço em que o comércio – livre de distorções e protecionismos inaceitáveis – seja o motor da prosperidade coletiva e da dignidade individual.

Senhores presidentes,

A Comunidade Sul-Americana de Nações deixa, a partir de hoje, de ser um sonho. A Declaração de Cuzco que estamos aprovando cria mecanismos concretos para o seu funcionamento e a sua institucionalização.

Tenho dito que a resposta para os problemas do Mercosul é mais Mercosul. Do mesmo modo, a resposta para os desafios da América do Sul é



mais América do Sul.

A Comunidade é, sem dúvida, um projeto ambicioso que tem um longo caminho a ser percorrido.

Estamos construindo o Novo Mundo sonhado por Bolívar e por todos os povos e raças que aqui se encontraram, para criar uma nova civilização marcada pela tolerância na diversidade.

Esperamos que nossos povos cresçam juntos e construam sociedades mais prósperas e, sobretudo, mais justas. Ao somar esforços, estamos multiplicando nossas esperanças.

Estou certo de que, sob o comando do Peru, a Secretaria Pro Tempore da Comunidade estará à altura do desafio de preparar a nossa reunião inaugural, no primeiro semestre de 2005. O Brasil terá a honra de sediar este encontro, ocasião em que terei o prazer de reencontrá-los todos.

Muito obrigado.

\*